

A PERTINÊNCIA DA INTERAÇÃO MEDIÁTICA ENTRE ARTE E MUSEUS NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

THE RELEVANCE OF MEDIA INTERACTION BETWEEN ART AND MUSEUMS IN THE EDUCATION PROCESS IN MOZAMBIQUE

Eduardo Simba Rashe Jeremias Muachissene¹

Universidade Púnguè – Moçambique

Resumo: No presente século a educação não pode se isolar quer das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) quer dos museus como pólos de conhecimentos. O texto procura explicar a pertinência do uso das artes e da frequência aos museus na consolidação dos conhecimentos. As TIC que se tornaram parte do cotidiano humano devem ser usadas para permitir que a comunicação no processo de aprendizagem seja fluente, abrangente e instantâneo, constituindo-se comunidades de aprendizagens e formação do ser social. Nos apoiamos na revisão da literatura com pendor argumentativo para dar a entender a relevância inter-

Abstract: In the present century, education cannot be isolated either from Information and Communication Technologies (ICT) or from museums as centers of knowledge. The text seeks to explain the pertinence of the use of the arts and the attendance to museums in the consolidation of the knowledge. The ICTs that have become part of human nature must be used to allow communication in the learning process to be fluent, comprehensive and instantaneous, constituting learning communities and formation of the be social. We rely on a literature review with an argumentative bent to give an understanding of the inter-relational relevance of museum art and schools; allowing the existence of new

¹ Mestre em Patrimônio Cultural e Museologia, estudante do doutorado no Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de Ouro Preto/Minas Gerais. e-mail: eduardomuachissene@gmail.com CV: <http://lattes.cnpq.br/8223125838606103> <https://orcid.org/0000-0003-0830-8336>. Bolsista da UFOP (ProAfrica/GCUB).

relacional da arte museal e as escolas; permitindo a existência de novas dinâmicas no Processo de Ensino-Aprendizagem (PEA) em Moçambique para além da percepção da praticidade que os objetos museológicos têm na educação.

Palavras-chave: Media, Museus, Educação.

dynamics in teaching and learning process in Mozambique beyond the perception of the practicality that museological objects have in education.

Keywords: Media, Museums, Education.

Introdução

Os objetos museológicos têm uma ligação muito direta no processo de educação e é cada vez mais solicitada essa articulação para a consolidação do processo educativo. Nos deparamos hoje com um público (alunos/estudantes) cada vez mais exigente e com necessidade de aprender de forma rápida e eficaz. Este cenário desafiante faz com que os museus e as escolas encontrem outras estratégias de funcionamento para atenderem as exigências do público-alvo e continuarem a ser instituições educativas credíveis e apreciáveis nesta sociedade de informação. É cada vez imperioso que os centros de educação estejam a par do momento social que se atravessa para que suas ações se adequem à realidade. Contudo, a sociedade está sujeita a fluxos de informações, saberes e conhecimentos difusos que precisam de ser sistematizados e estruturados de modo que sirvam para a educação do homem.

Partimos do pressuposto de que a média e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) atuam como ferramentas inovadoras no processo de educação e dinamizam a interação entre a escola e a ação cultural dos museus permitindo que os objetos de arte (como o chocalho – nosso objeto de referência) suscitem indagações, debate e desenvolvam saberes interculturais no seio dos alunos. Ao propormos o uso da arte queremos que o conhecimento não seja algo abstrato, vago, desprovido de referências e de debate; e, questionamos: com a arte em museus e o uso das mídias&TIC, que dinâmicas podem ser registadas no processo de educação?

O nosso objetivo é explicar/argumentar como as configurações comunicativas da sociedade mediatizada interferem na educação, no compartilhamento de saberes e no intercâmbio cultural por meio dos objetos e respetivos espaços. Importa frisar

que, quando nos referimos a objetos e respectivos espaços, estamos a invocar o chocalho, museus e escolas que, na sua interação, cambiam saberes. O nosso argumento dará a entender a relevância inter-relacional entre a arte museal e as escolas; sendo desejável a articulação entre as aprendizagens formais e não formais nos diferentes espaços educativos com o uso de objetos de arte, literacia mediática e a cultura digital de modo a contribuir valorosamente no processo de educação.

Sabemos que em Moçambique esta discussão e ação não é visível na prática educacional e, das buscas feitas em repositórios institucionais abertos e no google acadêmicos não se disponibilizaram trabalhos que tem um panorama de abordagem que se propõe neste texto. Muitos artigos, monografias e dissertações se debruçam sobre a educação no espaço museológico em si, ou seja, das práticas museológicas e da importância que estes têm na disseminação do patrimônio material e imaterial, da cultura e dos lugares memoráveis de Moçambique chamando atenção para a sua perenidade de comemoração e exaltação.²

A Nova Museologia³ e a literacia mediática são as teorias de suporte desta escrita que nos possibilitou idealizar e interpretar cenários educativos em meios virtuais. A nova museologia defende o dinamismo dos museus e suas ações culturais – para se tornarem centros de conhecimento, explorando tecnologias de comunicação para proporcionar melhor serviços ao público, fazendo com que suas exposições sejam visualizadas e estudadas sem que o público se desloque. “A Nova Museologia inspirou vários museus a atuarem numa perspectiva menos centralizada nos acervos e mais voltada para as relações comunitárias e às necessidades das

² Cf. os autores MATE (2016), COSTA (2017, 2013 e 2012) e JOPELA (2014).

³ A nova museologia é um movimento e perspectiva museológica que teve início na França no final da década de 1960, e mais precisamente, a partir da década de 1970. Ela foi e é marcada pela defesa da centralidade do homem, a comunidade e seus feitos no contexto museal, sem desmerecer as questões sociais e a atuação/compromisso do museu junto das comunidades; - estas que são produtoras de bens culturais dignos de serem preservados e concebidos com potencial de serem utilizados como instrumentos de compreensão da memória e da história. A nova museologia implicou o despertar da consciência do valor social e educacional da cultura, democratizando-a através dos museus que devia romper com a contemplação passiva do público e, desta forma, reformar o museu – popularizando a arte- bem cultural; surgindo, a partir desses atos vários tipos e/ou estilos de museus. Cf. TEIXEIRA (2022), DUARTE (2013). Com este movimento os museus deveriam estar ao serviço do homem, ou melhor, da educação do homem sem distinção de classe social. Entretanto, estes deveriam priorizar a diversidade das produções culturais das comunidades humanas para compreender o patrimônio (e a história dos homens) de forma global. Ressaltar que esta perspectiva museológica teve como abordagem central a questão do papel educacional dos museus.

populações”⁴. Interessa destacar que a nova museologia é tida como “(...) um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade”⁵. Destaca, ainda, o caráter participativo das ações museológicas, articulando os conteúdos programáticos das disciplinas curriculares e o acervo dos alunos e das comunidades onde as escolas estão inseridas.⁶ Ora, a nova museologia “implica também o despertar da consciência do valor social da cultura e da necessidade de sua democratização, rompendo com a passividade e a tradicionalidade dos museus”⁷. Portanto, “o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como pontes entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes”⁸.

Esta corrente prova que os museus são verdadeiros centros de conhecimento e de aprendizagem em prol da educação, “um instrumento educativo e auxiliar na maior consciencialização dos cidadãos”⁹. O dinamismo hodierno a que os museus estão sujeitos faz jus ao uso das tecnologias e a exploração do ciberespaço e media no geral. Para fundamentar o nosso pensamento recorreremos a alguns procedimentos metodológicos – explicativo, descritivo, analítico e, obviamente, bibliográfico (com os autores que se debruçam sobre ecologia educativa, educação e media, sociedade *midiatizada*, educomunicação, comunicação, educação e museus), que permitiram-nos pensar em uma escola ‘nova’ que prese usar outras novas metodologias pedagógicas – onde os agentes pedagógicos saibam interagir com as fontes e os espaços cambiantes do conhecimento e fluidez comunicacional.

Como complementar a educação formal com aquilo que lhe falta e que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC lhe podem trazer? - esta é uma questão contígua à principal que procuramos refletir no texto, com alguma

⁴ TEIXEIRA, Sidélia S. **Nova Museologia: aspectos históricos e características**. In: CADERNOS Estudos sobre violência, 2022, p. 87-97, ISSN 2175-0173, DO CEOM DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2022.56.07>. Acesso em 17/03/2023.

⁵ CURY, Marília Xavier. **Museologia: marcos referenciais**. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, v. 18, n. 21, p. 45-73, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271>. Acesso em 17/03/2023.

⁶ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. 2. ed. ampl. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

⁷ TEIXEIRA, Sidélia S. *Op. cit.*

⁸ CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. (Org.). **Educação patrimonial – educação, memórias e identidades**. Caderno Temático 3. 1ª ed., João Pessoa: Iphan, 2013, v. 3, p. 27-31. Ver também CHAGAS (2019), (1989).

⁹ DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**. PPG-PMUS Unirio/MAST - vol. 6, n.º 1, 2013. disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143404132.pdf>. Acesso em 17/03/2023.

exploração do contexto educacional moçambicano que muito pouco se serve destes recursos e meios.

A diversidade de experiências culturais promovidas com audiovisuais, músicas e saídas de estudos potencializam a articulação entre os saberes formais, não formais e informais; aprendizagens construídas em contextos de educação não formal, quando compartilhadas em diferentes espaços formativos, possibilitam ressignificar certas experiências educativas e culturais; as práticas midiáticas construídas nas fronteiras da educação e cultura digital, quando mediadas na perspectiva crítica da mídia educação, podem ser “desnaturalizadas” a partir de critérios éticos e estéticos e propiciar outras formas de conhecimento e construção de vínculos entre professores e estudantes.¹⁰

Este plano epistemológico reflete e amplia as redes de saberes diversos que permitem articular o conhecimento em prol da educação explorando experiências plurais de quem aprende (alunos), sujeitos a diferentes formas de sociabilidade e interação, derivados de vários processos comunicacionais e também educativos; que enfrentam o desafio das TICs e das intercorrências da cultura midiática¹¹. Importa destacar as aplicabilidades interacionais que os museus têm junto dos processos educativos.

Portanto, o texto procura (no primeiro momento) tratar sobre a funcionalidade da arte na educação e, como este possibilita a participação do aluno nos processos comunicacionais e de aprendizagem, galvanizando a interação sujeito-objeto. No segundo momento, objetiva-se a mediatização da informação museológica e escolar para a consolidação da aprendizagem/educação.

Contextualização e justificação da escolha do objeto – “Chocalho de palha”.

O chocalho “de palha” (*Fig. abaixo*) é um instrumento musical com formato retangular muito usado em Moçambique, sobretudo nas celebrações religiosas tradicionais e cristãs. Vários grupos étnico-culturais moçambicanos¹² partilham este

¹⁰ FANTIN, Mónica e SANTOS, José Douglas Alves dos. Educação não formal e suas dimensões éticas e estéticas na formação midiática e cultural de estudantes universitários. In: PEREIRA, S. (Ed.). **Literacia, Mídia e Cidadania** – Livro de Ata do 5.º Congresso. Braga, CECS – Universidade do Minho, 2019, p. 106-118.

¹¹ SILVA, C. (2018).

¹² Não é nossa intenção abordar a educação moçambicana como Sistema Nacional de Educação (criado em 1983, descrevendo suas políticas e matrizes de orientação), nem dos museus de arte nacional de Moçambique em concreto. É sim, explicar a partir de um objeto concreto a relevância da arte e dos museus no processo de educação para esta sociedade, por falta de uma articulação/diálogo pedagógico entre museus e escolas. Frequentar estes lugares continua sendo uma ação esporádica do professor. Para compreender o processo da

instrumento de animação e de ritmo dos cultos e de festas. O lamelofone em referência é feito de palhas limpas e tecido com uma fibra de modo a ganhar consistência e não deixe cair as sementes contidas no interior que dão a ressonância melódica. Para que haja uma boa ressonância ao tocar este instrumento, os utilizadores inserem sementes de pequenos frutos e também grãos de cereais (milho e mapira), incluindo sementes de quiabo e até pedrinhas. “Nos dois extremos e ao meio passam 2 fasquiazinhas de bambu, que comprimem perfeitamente as hastes e seguram, ao mesmo tempo, os grãos de areia grossa – *mihava*, que ficam encerrados no espaço livre interior das duas camadas de capim”¹³. Os valores acionados por este instrumento de arte invocam representações da cultura, da estética, da arte que são vitais para a educação ao permitir maior conhecimento da cultura e entendimento dos axiomas culturais.



Chocalho de palha

Muito pouco se verifica a interação com os objetos de arte e frequência em museus para a consolidação dos saberes, o que, de certa forma, empobrece a capacidade crítica, explicativa e comunicacional; tornando-se necessário uma ruptura epistemológica que não permite encarar a educação como um facto abstrato mas, que se torne uma prática social concreta, uma prática educativa.¹⁴ Silva, C. enfatiza:

educação em Moçambique sugerimos alguns autores e documentos: BASÍLIO (2014), CASTIANO (2005), CASTIANO e NGOENHA (2013), GOLIAS (1993), Lei nº4/83, Lei nº6/92, MINEDH. Plano Estratégico da Educação 2020- 2029 (2020) e, para compreender a ação/papel dos museus sugerimos: COSTA (2017), (2013), (2012); JOPELA, (2014), MARTINS, SARMENTO e COSTA (2020), Resolução nº 12/97, Resolução n.º 11/2010, Decreto nº. 44/2018. Quer nas literaturas quer nos documentos normativos não é visível nem perceptível uma diretriz de interação ou relação escola-museu.

¹³ DIAS, Margot. **Instrumentos Musicais de Moçambique**. Lisboa, IICT/CACS, 1986.

¹⁴ IMBERNÓN (2008).

(...) interação entre sujeito e objeto nos processos de comunicação e educação, proposta como forma de superar uma visão polarizada e transmissionista, dá-se no âmbito da dialogicidade, da mediação, da troca e da valorização da diversidade cultural. O sujeito não recebe passivamente os estímulos do emissor, e sim os ressignifica de acordo com sua vivência, repertório e subjetividade, colocando novamente em circulação social a mensagem reinterpretada.¹⁵

Esta comunicabilidade interativa encontra no museu um espaço para a sua viabilidade, onde de forma mais aberta se desenvolvem raciocínios e capacidades interpretativa do conhecimento para além do livro e das paredes da escola. O “descentramento do conhecimento, que faz com que ele circule por outros meios que não apenas os livros alteram a nossa forma de ler a realidade; a deslocalização permite que o conhecimento possa se dar em vários outros espaços e em outras temporalidades que não apenas no espaço/tempo escolar”¹⁶. É neste prisma que se assenta a escolha do objeto/arte para servir de recurso de educação e formação do indivíduo. O chocalho como objeto de arte e objeto de representação cultural, percorre o país todo constituindo uma bandeira cultural moçambicana, embora pouco usado no norte do país e pouco representado nas raríssimas galerias artísticas nas regiões centro e norte de Moçambique. Este objeto é, simultaneamente, um património cultural de representação imaterial antropológica moçambicana com uma função qualitativa de fundir/representar e constituir um objeto funcional museológico que pode legitimar um conhecimento e um discurso pedagógico.

Arte, museu e educação

O chocalho é uma referência da cultura material e imaterial das comunidades moçambicanas. Verifica-se a relevância deste objeto para articular a educação formal, não formal e o informal. Nos séculos XVIII, XIX e XX, este instrumento esteve associado também a cultos ancestrais e místicos; cerimónias muitas vezes feitas no período de noite. Hoje, é notória uma evolução artística do chocalho, pois, os seus fazedores, - artífices deste instrumento lamefónico, dão formas e retoques variados que enobrecem seu uso.

¹⁵ SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016.

¹⁶ SILVA, C. Op. cit. p. 65.

É justo que o povo com as suas actividades e maneiras de ser que o caracterizam e distinguem, com modalidades suas e variedades tipológicas tenha onde se reveja no que é, sinta que é compreendido no que a sua alma aquece, aprenda a guardar o que é seu. Isto só pode oferecer-lho a sugestão de museu das suas artes industriais, trajes, festas, danças, labores agrícolas, do viver interno e na lareira da sua casa.¹⁷

A evolução do conceito de museu permite cada vez mais democratizar e estimular questionamentos sobre a arte/património cultural possibilitando ao aluno fazer conexões entre a arte, a cultura e a ciência. Entenda-se que, o desenvolvimento da ciência também está associado de referências culturais de uma sociedade.

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.¹⁸

No âmbito deste conceito, o chocalho sendo um instrumento da comunidade e para a comunidade, transmite uma cultura que vem desde gerações passadas e é, sem dúvidas, um testemunho material que permite estudos/investigação, aprendizagem e divulgação do mesmo, como fonte de cultura que representa de modo vivo um povo. Entretanto, ao aprendermos no museu, este objeto seria utilizado como meio de promover a educação para desvelar o currículo oculto e permitir outras maneiras de encarar o mundo e a educação.¹⁹ Considerando a educação como uma ação ou prática sociocultural, os museus desempenham um papel fundamental para a sua concretização, ao se tornarem centros dinâmicos de cultura e pólos educativos que aprofundam conhecimentos e experimentam novas vivências.²⁰

Com as dinâmicas sociais que se notabilizam em constantes mutações, torna-se necessário desenvolver, no sistema escolar, novas formas de linguagens no processo educativo moçambicano, tendo em vista um enriquecimento racional dos

¹⁷ RAMOS, Paulo Oliveira. **Breve história do museu em Portugal. Iniciação à Museologia**. Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 51.

¹⁸ Conselho Internacional de Museus (ICOM), 2022. Disponível em <https://www.icom.org.br/?p=2756>

¹⁹ IMBERNÓN. Op. Cit.

²⁰ Cf. MENDES, José Amado (2013), CHAGAS, Mário, (2019), (2013).

alunos. Sousa, afirma que “a Educação pela arte vai mais longe do que a simples administração de conhecimentos, visando entre outros objetivos, o aperfeiçoamento da percepção e da atividade simbólica, ou seja, a aquisição e desenvolvimento dos instrumentos básicos do pensamento: sentimentos, imagens, palavras, ideias”²¹. E, com o conceito de aprendizagem e educação, muito em voga no país com os problemas de qualidade que o constitui e o acompanha em vários debates, os museus servem de suporte para a sua afirmação; pois, constituem um determinante complemento da educação formal, creditadas às escolas. “A Educação pela arte proporciona, portanto, todo um vasto leque de vivências simbólicas e emocionais, que contribuem de modo muito especial, não só para o desenvolvimento afectivo-emocional e intelectual da criança, como permitem o colocar em acção *reflexiva para a compreensão da diversidade sociocultural*”²²; (o itálico é nosso). Nesse teor, Chagas acentua que a finalidade da educação nos museus é a reflexão, a conquista de um estado de consciência mais abrangente e a compreensão do indivíduo acerca do tempo e do espaço social em que está inserido²³. Reafirmamos a ideia do potencial pedagógico que os objetos de arte em museus possuem e os mesmos constituem um importante complemento da educação formal, promovendo a cultura pedagógica.

Domingues²⁴ identifica os museus como espaços de educação intercultural e eles proporcionam o encontro combinado entre a comunicação, a educação e a cultura ao combinar os fluxos de mensagem pelos sujeitos implicados neste ambiente comunicacional. A aprendizagem deixou de estar circunscrita somente a escola, entendida como uma instituição fechada; ela é hoje um aspecto e tarefa multi-institucional. Este pensamento é corroborado por Mendes²⁵ ao considerar os museus como instituições educativas e indubitavelmente mais seguras, dinâmicas e interveniente, ao serviço do Homem e da comunidade hoje. Quer as escolas quer os

²¹ SOUSA, Alberto B. **Educação pela Arte e Artes na Educação** – 1º. volume: Bases Psicopedagógicas. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 83.

²² SOUSA, Alberto B. Op. cit.

²³ CHAGAS, Mário de Souza. Preservação do Patrimônio Cultural: Educação e Museu. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-53, dez. 1989.

²⁴ DOMINGUES, Susana Isabel Antunes. **Museus, Educação e Multiculturalismo**: um estudo de caso. [Dissertação de mestrado em Museologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE], 2009.

²⁵ MENDES, José Amado. **Estudos do Património. Museus e Educação**. 2ª Edição, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

museus constituem centros de educação e de cultura que muito valem para a sociedade e para o país no geral.

É fundamental a consciência do contributo que um museu tem na valoração de um objeto de arte. “O visitante uma vez em contacto com o objeto museológico dá a este um significado específico e singular daquilo que sente dessa relação proporcionando a aquisição de mais experiência e conhecimento sobre um determinado campo científico”²⁶. Portanto, a aquisição de experiências e conhecimentos também se dá por via da observação direta e manuseamento dos objetos como afirma Mendes²⁷, “a observação directa dos objetos e o seu próprio manuseamento – entre outros, nos museus (...) constitui uma mais-valia pedagógica, oferecida pelos museus, que poderá servir de antídoto a uma educação, por vezes ainda muito livresca e demasiado abstracta”. E, continua o autor:

Todos estes aspectos alcançam hoje maior relevância, numa altura em que a educação já não passa – como sucedeu até aos anos 1970 –, quase exclusivamente, pelos conteúdos, pela razão, mas também pela sensibilidade e pela emoção. A inteligência emocional, ... deve levar-nos a apreciar e deleitar-nos, não só com os conceitos e as ideias, mas também com os objectos, de rara beleza, com significado histórico ou de testemunho, elementos estruturantes da própria identidade que, em geral, nos esperam nos museus.²⁸

Assim, os alunos como público-alvo serão instigados a se tornarem ativos, com maior interação e aprendizagem. Entretanto, pelo significado deste espólio cultural, há que se ter o museu como uma instituição adequada para a salvaguarda dos valores culturais, da educação, da investigação científica na área da etnologia, antropologia, história sociocultural ligado aos povos. A fim de super-estimar a aprendizagem, o museu deverá nas exposições permanentes e temporárias, no gabinete de documentação e estudo permitir uma aprendizagem e evolução do saber sobre os objetos característicos dos *modus vivendis* e *operandis* dos homens em comunidade. Cabral²⁹ afirma que, “obra e gesto, dança e bailarino, história e

²⁶ MUACHISSENE, Eduardo Simba Rashe Jeremias. **A Musealização como uma estratégia de salvaguarda do património industrial ferroviário em Moatize, Moçambique**. [Dissertação de Mestrado em Património Cultural e Museologia apresentado na Faculdade Letras da Universidade de Coimbra]. Coimbra, 2019.

²⁷ MENDES, José Amado. Op. cit.

²⁸ Ibidem.

²⁹ CABRAL, Clara Bertrand. **Património cultural imaterial**. Convenção da UNESCO e seus contextos. Lisboa, Edições 70, 2014.

contador passam a ser realidades indissociáveis que devem ser percebidas em conjunto e valorizadas em simultâneo”; isso é possível com toda dimensão cultural diante de um museu. Nabais e Carvalho³⁰ frisam 3 grandes vocações de um (do) museu: Estudo e documentação; Conservação e exposição; Educação e cultura. Pode-se questionar o porquê de um chocalho estar num museu e, que estudo/investigação será feito sobre o objeto? Deve estar num museu porque representa uma memória para além de representar uma cultura, uma manifestação artístico-artesanal de um determinado grupo humano. E, em torno do objeto, pode-se procurar perceber o conhecimento e aptidões artísticas:

(...) bem como os artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.³¹

Um museu permitirá, por um lado, com estudos e investigações atinentes ao objeto, perceber a cultura material e seus valores; por outro lado, permitirá saber que todo objeto culturalmente valorizado e usado pelas comunidades, com maior representação, uma vez expostos, emanam uma memória histórica e estruturadora da identidade – “uma memória específica e que dentro dela há um saber acumulado que não pode ser destruído”³². Portanto, o chocalho no museu oferece todo este manancial de conhecimento para todo aquele que visita as exposições. E, para uma melhor aprendizagem deverá existir, no museu, materiais de apoio, imagens fotográficas, alguns livros que retratam o objeto e suas múltiplas valências, vídeos que mostram o uso do mesmo, o balançar que é feito pelas tocantes/executantes e o som emitido. Estas ações permitem que as crianças desenvolvam expressões

³⁰ NABAIS, António e CARVALHO, Cruz de. O Discurso Expositivo. **Iniciação à Museologia**. Lisboa, Universidade Aberta, 1993.

³¹ CABRAL, Clara Bertrand. Op. cit.

³² NABAIS, António. **O Conceito de Património e Arqueologia Industrial, seus limites, problemas de conservação e musealização**. Amada, 1999.

emocionais que são a base para aquisições cognitivas como refere Sousa³³, “a experiência através de diferentes expressões artísticas permite a criança uma maior liberdade de expressão emocional e, conseqüentemente, uma base sólida para as aquisições cognitivas”.

Entretanto, à medida que o museu permite o acesso ao conhecimento (do valor dos objetos de arte, enquanto património), as vitrinas devem permitir essa ação, acompanhadas de legendas claras sobre a coleção; constituindo-se assim, um espaço dinâmico para a ciência e como meio didático e educador sobre o património – chocalho, que vem sendo usado há séculos, mostrando suas ruturas e continuidades. A educação museal potencia o património cultural como vetor de produção do conhecimento “e estimula o aluno a compreender o objeto, a manifestação cultural, como pontos de partida para questionamentos, comparações a fim de estabelecer conexões entre arte e ciência, uma cultura a outra para uma análise crítica e o estímulo da criatividade”³⁴.

A compreensão da diversidade sociocultural e a construção do conhecimento se aprofundam com estes exercícios de saberes compartilhados no processo de educação, primando a formação do homem sem preconceitos e cada vez mais social e culturalmente rico. Nisso, a escola deve se tornar um dispositivo da cultura, como espaço da interação e de relações mais diversas e ainda como espaço de construção, sistematização e socialização do conhecimento³⁵. Portanto, é sempre necessário pensar a escola como ecossistema comunicativo e pedagógico sem esquecer o lugar dos sujeitos envolvidos: estudantes e seus encarregados de educação, professores, profissionais da educação e comunidade; o currículo; as metodologias; as aprendizagens que ocorrem dentro e fora da escola; a avaliação; as políticas públicas e de formação docente no contexto mais amplo da formação humana em geral e da formação cultural e docente em particular.

Os sujeitos dentro do processo de educação se relacionam e convivem em um circuito comunicacional no qual têm acesso a diferenciados estímulos de informação, mensagens e conteúdo (quer seja visual, audiovisual, sonoro ou textual) e podem, a

³³ SOUSA, Alberto B. **Educação pela Arte e Artes na Educação** – 1º. volume: Bases Psicopedagógicas. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

³⁴ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. 1ª. ed. Vol. 4. Coleção MUSEU – Memória e Cidadania. Ed. Ibram. Rio de Janeiro, 2008.

³⁵ Cf. FANTIN e SANTOS, (2019).

partir de suas apropriações de sentido, compartilhar socialmente suas interpretações e indagações, também por meios diferenciados (imagem, texto e som), de forma interativa e contínua de aprendizagem.

Novos processos de aprendizado têm sido criados, reciclados ou clamados como necessários. Cada vez mais os organismos internacionais do campo educativo preconizam que os indivíduos devem estar continuamente aprendendo, que a escola formal apenas não basta, que se deve aprender a aprender. Os conteúdos rígidos dos currículos são questionados, novos saberes são descobertos/identificados fora das instituições escolares, fundamentais para o crescimento/desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres humanos, assim como para o desempenho destes indivíduos no processo de trabalho em face às novas exigências do mundo globalizado.³⁶

Os objetos de arte em museus permitem com que os alunos e aprendizes se tornem aptos às sensibilidades e sociabilidades orientadas por outras percepções dos vínculos entre tempo e espaço, permitindo compreender as configurações inter-relacionais.

Exposição do objeto como prática educativa necessária

A educação prima-se por ser um processo que permite que as experiências humanas sejam compartilhadas de forma inclusiva, isto é, sem exclusão social. Com isso, será feita proposta dirigida ao público, garantindo a inclusão. Martins afirma que:

Os museus podem ser encontrados no mundo todo e existem há séculos, tendo assumido, ao longo dos anos, múltiplas faces. Com uma prática pautada na necessidade imperiosa de coletar compulsivamente e de estudar, conservar e organizar fragmentos da natureza e do universo material elaborado pelo homem, os museus tiveram que se modificar diante das transformações relacionadas à compreensão das sociedades sobre os seus fenômenos culturais. Nesse contexto, a dimensão educacional dessas instituições ganhou força e se estabeleceu como resposta à demanda por sua democratização. Hoje o público é a grande preocupação daqueles envolvidos nas ações que buscam levar os conhecimentos adquiridos

³⁶ FANTIN, Monica e SANTOS, José Douglas Alves dos. Educação não formal e suas dimensões éticas e estéticas na formação midiática e cultural de estudantes universitários. In: PEREIRA, S. (Ed.). **Literacia, Mídia e Cidadania** – Livro de Ata do 5º. Congresso. Braga, CECS – Universidade do Minho, 2019.

e acumulados por meio dos objetos para a maior parte possível da população.³⁷

O museu pode ser um lugar de inclusão diante de muitos desafios para com o público aprendiz que não se deve deixar à margem. A atividade pedagógica terá em consideração o tempo, o espaço e o objeto³⁸. Para tal, duas atividades serão propostas para com o objeto.

A 1ª. é relativa ao tema: *a natureza nos instrumentos da música tradicional*. A natureza dá a matéria-prima para a construção do chocalho e, terá como público-alvo as crianças de 5-12 anos de idade; essas que serão o veículo disseminador da informação aos adultos para a tomada da consciência e respeito da diversidade cultural. A exposição desse objeto instigará os alunos à questionamentos e formulação de ideias sobre a complexidade e diversidade cultural e, ao mesmo tempo, a se motivarem pela riqueza existente em uma sociedade plural. Uma vez mais, os museus com o seu potencial educativo e sendo instituições de educação possibilitam, com a exposição deste, maior discussão e compreensão da natureza social da cultura, destacando a destreza do fazer a arte, os estudos das sociedades e das culturas, a comunicação e expressão contida.

Ao expor o chocalho às crianças ter-se-á um ateliê para que elas manipulem o objeto e os materiais da sua constituição fazendo pequenos moldes representativos do mesmo para perceber o contributo da natureza para a sua existência. Para a criança invisual ser-lhe-á dado a oportunidade de sentir o objeto, o material da sua constituição e ouvir o som. Este exercício permitirá com que as crianças assumam a diversidade acima referida. Imbernón³⁹ ao se debruçar sobre a diversidade como projeto cultural e educativo, afirmou que "assumir a diversidade é um processo complexo, cujo carácter não é apenas técnico, mas também ideológico, o que deveria ajudar-nos a questionar constantemente o quê, por que e como se fazem as coisas em função da vontade de mudança e transformação"⁴⁰.

³⁷ MARTINS, Luciana Conrado. (Org.). **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais**. 1ª Edição, São Paulo, 2013.

³⁸ O objeto deve ser o elemento base para o prazer estético, a contemplação, a observação e que possibilite diferentes leituras para o público visitante.

³⁹ IMBERNÓN, Francisco. Um livro para a reflexão e a busca de alternativas educativas para o futuro. In: _____. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

⁴⁰ IMBERNÓN, Francisco. Op. cit.

Não é evidente nas políticas normativas (ou documentos orientadores) do Sistema Nacional de Educação (SNE) em Moçambique uma clara orientação de construção do conhecimento compartilhado entre as escolas e os museus. No entanto, a escola moçambicana precisa interagir com os museus de forma constante para assumir a diversidade como um projeto socio-educativo e cultural. E, a arte será utilizada como métodos educacionais que ajudariam a entender o mundo diversificado, quebrando preconceitos socioculturais que muito mina a moçambicanidade.

As visitas educativas aos museus devem ser guiadas de forma a demonstrar o lado artístico e histórico do chocalho e a atividade envolvente será de criar bandas desenhadas com curtas legendas, imagens, fazendo perceber a funcionalidade e valoração do instrumento e as representações culturais. Depois podem ser exibidos vídeos de curta-metragem onde serão visíveis momentos de celebrações/festas das comunidades – música/canções ao som do chocalho, criando um ambiente em que o público-alvo possa expor suas dúvidas e serem respondidas.

A 2ª. atividade é relativa ao tema: *a significância/valor cultural do chocalho* – e terá como o público-alvo os jovens, adultos, estudantes e investigadores. Ao expor o chocalho a este público definido, o objetivo é de promover a discussão sobre a diversidade cultural e preservar o objeto como um património cultural de carácter material e de significância imaterial, de animação espiritual – euforia. Na prática será feita uma visita guiada por um profissional do museu e um professor, conhecedores das práticas culturais e seus valores representativos, fazendo jogos de perguntas e respostas sobre as práticas culturais com o seu público. Terá na exposição e, de acordo com Martins⁴¹ "Guias expositivos, cadernos de atividades, materiais para o público escolar", um material que complementa a atividade da exposição com o fim educativo e de promoção do objeto. Por ser uma exposição educativa e didática, em cada secção terá uma curta informação escrita da mensagem da secção e dos objetos que a compõe. Comparar duas realidades socioculturais e seus instrumentos e valores; comparar e diferenciar as técnicas artísticas do objeto.

⁴¹ MARTINS, Luciana Conrado. (Org.). **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais**. 1ª Edição, São Paulo, 2013.

Em todas estas atividades de visitação e aprendizagem a boa comunicação é e será importante. Aliás, o objeto artístico em museus aumenta o poder da comunicabilidade entre os alunos e os faz regenerar socialmente. Assim, “devemos pensar a Comunicação não como o sinônimo de mídia ou dos meios de comunicação pura e simplesmente, mas como um campo que assume um importante papel na configuração das mediações, das interações socioculturais e na organização da sociedade”⁴².

No entanto, para a democratização dos saberes é fundamental a existência de políticas educacionais que orientem o uso de museus como lugares e centros de saberes diversos que, cambiados com a escola, possibilitam o enriquecimento e consolidação do conhecimento científico.

Atividades educativas como princípio de inclusão sociocultural

O respeito pela diversidade, a aceitação do outro e seus feitos e valores é muito bem consentido pela arte no processo de educação. Este processo, segundo argumentamos, garante o enriquecimento e crescimento recíproco do indivíduo como membro de uma sociedade. Flecha e Tortajada⁴³ nos fazem saber que a educação não é neutra aos assuntos que imperam a sociedade, devendo ser um agente de transformação ou de transmissão. Cada vez mais, a educação e as aprendizagens se alicerçam dos seus agentes – a escola e, os museus para uma excelente interpretação cultural podendo se tornar em oficina pedagógica “para a construção de significados aplicável ao mundo que rodeia o indivíduo, e que implica, por isso, o desenvolvimento de capacidades de análise, crítica e reflexão”⁴⁴.

Os museus possuem uma capacidade de transmitir os saberes e as aptidões fundamentais à comunidade escolar, de modo a inseri-la plenamente numa sociedade plural⁴⁵. Ao modificar suas atitudes por meio de uma aprendizagem e aquisição de visões imparciais ou empáticas o aluno saberá estar em sociedade e se sentir incluso e poder contribuir para o seu desenvolvimento. Esta atitude passa por

⁴² SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Comunicação, Educação e Cultura... Op. cit.

⁴³ FLECHA, Ramón e TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 21-36.

⁴⁴ DOMINGUES, Susana Isabel Antunes. **Museus, Educação e Multiculturalismo: um estudo de caso**. [Dissertação de mestrado em Museologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE], 2009.

⁴⁵ Cf. ALBINO, Tomás. (2004).

um reconhecimento e auto-conhecimento e olhar não preconceituoso das diferentes realidades. Wilder afirma que:

(...) o conhecimento do outro, visões críticas de um mundo em constante transformação são aprendidos a serem incorporados desde a mais tenra infância como defesa e prevenção de preconceitos, na valoração do particular e do coletivo, do individual e do plural, de uma ética de solidariedade e de limites sempre negociáveis. As linguagens visuais são valiosas habilidades a serem adquiridas e utilizadas na educação infantil.⁴⁶

Os museus como espaços de exposições onde decorrem as atividades educativas são, também, territórios favoráveis às percepções de inclusão cultural. E, na sua diversidade de objeto, transmite uma perspectiva humanista e cria situações comunicativas que dá a oportunidade do sujeito em aprender a escutar o próximo, a descobrir o fascínio da diversidade e da semelhança, o que amplia conhecimentos com abertura de horizontes que valorizam a ou as culturas, contribuindo para uma visão aberta, plural e até universal do homem. Portanto, a educação pela arte dá frutos desde que haja uma interação entre os indivíduos e as peças museológicas. A educação deve preparar “integralmente” as crianças para a sociedade.

E porque vivemos na “*sociedade da comunicação*”, a educação deve acompanhar as mutações que as sociedades vão registrando para melhor inclusão e aprendizagem dos seus educandos. Hooper-Greenhill⁴⁷ defendeu a ideia de uma boa articulação entre o ensino, a comunicação e a interpretação no processo da educação em museus e galerias. A autora evocava o uso das ferramentas comunicativas e dos medias para maximizar a aprendizagem e a interpretação crítica em ambientes culturais.

Media, museus e pedagogia: uma comunicação possível.

Que se pense em uma comunicação cruzada entre a educação, museus e media para que a aprendizagem se torne mais significativa na realidade atual onde as informações circulam de forma muito rápida. A educação deve se permitir o uso das ferramentas, meios e/ou canais de comunicação que hoje existem para maior

⁴⁶ WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural:** arte contemporânea e educação em museus. São Paulo, Ed. UNESP, 2009.

⁴⁷ Cf. HOOPER-GREENHILL, (1991).

dinâmica pedagógica de aprendizagem. A sociedade de informação na qual vivemos é, cada vez mais, imperioso o uso dos medias na educação. Quer a escola quer os museus devem encontrar nos medias um espaço importante para educar.

A comunicação mediática é hoje muito discutida e possibilita um debate célere sobre um determinado saber ou conhecimento de forma mais aberta e descontraída, sem que os alunos se sintam retraídos ou limitados em se exporem. Entretanto, os museus, na corrente da Nova Museologia, passaram a usar as tecnologias comunicativas para sua exibição e educação, explorando o ciberespaço. Por esse meio, as exposições e toda ação cultural é exibida e o público tem a oportunidade de aprender. Ora, o estudo realizado por Lima⁴⁸ distingue três categorias de museus virtuais – A, B e C, os que exploram o ciberespaço: (A) museu virtual - original digital, (B) museu virtual - conversão digital e (C) museu virtual - composição mista. O museu virtual de categoria B, “em que Museu e Coleção são construções oriundas do mundo físico. Existem e assim ocupam tanto um território ‘real’, material, quanto também estão representados no espaço web (*site*), intangível, deste modo, há correspondência entre ambos”⁴⁹; é o que propomos a sua praticidade no contexto da nossa abordagem e, pela existência simultânea no mundo real e também no ciberespaço. O Museu de Arte Nacional é o exemplo para a apropriação desta prática museológica, permitindo que a arte, a cultura e o saber sejam cambiados e o conhecimento seja partilhado entre os alunos e todos os agentes envolvidos no processo educativo. E, porque estamos numa sociedade de informação, é imprescindível que os museus explorem o espaço cibernético para replicar a sua ação museológica e, através da rede *world wide web* (www), permitir o acesso das suas coleções e conteúdo a todos.

Apesar de ser um desafio à educação, à escola, aos professores e para os alunos, a media e o ciberespaço, pelas suas potencialidades, flexibilizam e interconectam territórios e atores educacionais constituindo verdadeiras comunidades de aprendizagem⁵⁰. Essas comunidades de aprendizagens se relacionam por redes, consolidando suas aprendizagens e desenvolvem habilidades cognitivas e

⁴⁸ LIMA, Diana Farjalla Correia. *Musealização/patrimonialização no espaço eletrônico museu virtual*. **Memória e Informação**, n. 2, v. 3 n. 2, 2019, p. 86-105, Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127407>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁴⁹ LIMA, Diana Farjalla Correia. Op. cit.

⁵⁰ Cf. SILVA, Bento D. (2011).

comunicativas. Flecha e Tortajada dizem que “a educação na sociedade de informação deve basear-se na utilização de habilidades comunicativas, de tal modo que nos permita participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva na sociedade”.⁵¹

Para Subirats “a educação deve formar indivíduos capazes de buscar e manejar por sua conta os conhecimentos que lhes sejam necessários, operação muito diferente da de transmitir conhecimento propriamente”⁵². Para isso, o aluno deve ir a busca do mesmo por meio das tecnologias comunicativas disponíveis. O uso das redes sociais e plataformas educacionais como por exemplo o *google classroom*, *moodle*, *zoom*, *google meeting* e outras facilitam a troca de conhecimentos, permitem a conexão entre os indivíduos, potencializam os intercâmbios culturais e dinamizam processos de aprendizagem⁵³. É preciso ensinar e aprender de outras formas, passando “pela combinação dos ambientes presenciais com os ambientes online, dos ambientes fechados com os ambientes abertos, da ligação das escolas em rede, entre si, e com outras fontes produtoras de informação e do saber”⁵⁴.

Importa referir que a escola deve ter um carácter intelectual mais próximo do aluno para evitar a fragmentação de conhecimentos fazendo-se valer da media, da comunicação, do discurso museológico para lograr o seu intento de formação integral do ser humano hodierno. É importante que as escolas explorem a media, os museus e o processo comunicativo como uma possibilidade de tornar flexível o processo de educação onde todos os sujeitos implicados se empenhariam para a aprendizagem e aquisição do conhecimento, que por sua vez, possibilitaria olhar o mundo de forma mais crítica.

A escola e a comunicação em ciberespaço incentivam o empoderamento do interlocutor e reforça o seu sentimento de pertencimento, tornando-o parte do processo de significação ao mesmo tempo em que o torna capaz de se apropriar e utilizar das técnicas e dos procedimentos inerentes ao fazer comunicacional, todos

⁵¹ FLECHA, Ramón e TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 21-36.

⁵² SUBIRATS, Marina. A educação no século XXI: a urgência de uma educação moral. In: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

⁵³ Cf. SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Op. cit.

⁵⁴ SILVA, Bento. D. Cenários Educativos de Inovação na Sociedade Digital: com as tecnologias o que pode mudar na escola? In: **Nas pegadas das reformas educativas**. Braga, CEDU, 2013, p. 38-55.

influenciados por aspectos internos e externos à indústria da informação.⁵⁵ Há que se incentivar o uso da media "*educação mediática*" e massificar o fluxo das informações que se trocam entre as pessoas que caracterizam este tempo civilizacional, onde as tecnologias passaram a fazer parte da vida quotidiana dos cidadãos e permitiu a existência de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

A comunicação possível que se propõe nos permite voltar às instituições de tutela educacional em Moçambique e afirmar o diálogo entre media, museus e a pedagogia educacional ou, simplesmente, educação. Verifica-se a ausência de iniciativas que promovem ou estimulem o uso didático do ambiente midiático (*media literacy*), principalmente entre crianças e jovens em relação aos meios aos quais têm acesso e com os quais se relacionam. É importante perceber que *media literacy* constitui um importante método que "mesmo na nossa sociedade "horizontal" não é uma gaiola, mas garante a organização e a coordenação do processo de ensino-aprendizagem; a relação com as mídias que não significa ceder a um modismo, mas tornar contemporânea a experiência escolar"⁵⁶. A escola tem de ser dinâmica e tem de acompanhar as transformações que se sucedem, orientando-se para o futuro; futuro este, que a impera adoptar novas relações pedagógicas além dos seus espaços fechados.

Com o avanço das TICs, esta convergência é reforçada e apresenta, cada vez mais, incontáveis possibilidades de interseção entre estes campos. A tecnologia, a internet e as redes sociais ampliam as capacidades educativas e ultrapassam os muros da escola, afetando o cenário da Cultura e, também, sendo afetado pelos circuitos culturais.⁵⁷

De modo que as peças de arte sejam mais conhecidas e usadas para fins de educação sugerimos que sejam exibidas em jornais, TV,⁵⁸ algumas concepções sobre a funcionalidade, valor e uso do mesmo. Exemplos:

⁵⁵ SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Op. cit.

⁵⁶ FANTIN, Monica e SANTOS, José Douglas Alves dos. Educação não formal e suas dimensões éticas e estéticas na formação midiática e cultural de estudantes universitários. In: PEREIRA, S. (Ed.). **Literacia, Mídia e Cidadania** – Livro de Ata do 5º. Congresso. Braga, CECS – Universidade do Minho, 2019.

⁵⁷ SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016.

⁵⁸ A título de exemplo, o programa danças e instrumentos tradicionais exibido pela TVM pode ser explorado de forma coordenada quer com os museus quer com as escolas para esse propósito educacional.

Sabias que? *Podes pernoitar numa festa ao som do chocalho?* A musicalidade deste instrumento é tão fascinante que te leva entusiasticamente a passar uma noite celebrativa, comemorativa, entre amigos e familiares. A intenção é reaproximar esta peça artística de valor cultural à sociedade e permitir com que ela conheça, respeite e entenda as mutações socioculturais e mais, de acordo com o descrito nos subtítulos anteriores.

Chocalho, uma identidade fundida! – Este instrumento musical é simultaneamente um objeto de convergência das práticas socioculturais das sociedades moçambicanas que se difunde pelo mundo, possibilitando encontros de culturas.

O que encanta além-mar! – O chocalho é um instrumento musical apreciado e estudado por etnólogos, antropólogos alemães, britânicos que procuraram perceber a ação entusiástica deste objeto (que também os encantou e encanta) na sociedade.

Os textos idealizados e exemplificados acima, servem para o discurso museológico de modo que haja indagação sobre o objeto e se procure entendimentos científicos sobre o mesmo e, sobretudo, sobre a cultura moçambicana e suas representações sociais e ideológicas. A "chamada 2" – *O que encanta além mar!* nos leva ao entendimento da existência desta peça no mundo europeu, a ex. da Universidade de Coimbra – na Reserva de Antropologia na Faculdade das Ciências da Vida, igualmente nos museus de cultura africana na Alemanha. Estas referências de estudos culturais suscitam o entendimento da importância do sentido de pertença e da diversidade da cultura global.

Recorrendo as TIC, será necessário que se oriente/direcione o público leitor em cada comunicação do jornal electrónico ou da hiperligação – hipertexto caracterizado por redes múltiplas que faz localizar o texto ideal do museu onde pode ver, apreciar e entender a multi-funcionalidade do chocalho através do texto, imagem, áudio e vídeo.

Portanto, a instituição escolar deve se reger por princípios que superam o tradicional livro e de transmissibilidade onde a figura do professor é central. "O futuro atualmente é percebido como um horizonte de possibilidades e está sendo construído à medida que soluções se fazem necessárias e, torna-se evidente a

importância de aprendizados amplos e *multi-tecnológico*⁵⁹. É neste aprender amplo e multi-tecnológico que “habita o amplo território da comunicação, seus mediadores, suas tecnologias, seus apelos de velocidade e aceleração do tempo social, que marcam a fundo os modos de ser, aprender e conviver, dos jovens e cujas convergências encontram, por vias diretas ou indiretas, os espaços da educação formal”.⁶⁰

Em programas de TV pode-se ainda explorar o objeto artístico para o aprofundamento dos valores culturais, do conhecimento da cultura e suas valências e também a “importância da inserção cultural do receptor como mediação fundamental entre a sociedade e a mídia de massa”⁶¹; consubstanciando o seguinte: a comunicação e cultura são indissociáveis.⁶²

O caminho da educação tem de ir além do unidirecional para o multidirecional considerada como “um campo aberto ao diálogo, às interações e às trocas midiáticas. Ela já não pode mais ser concebida a partir de um modelo de comunicação escolar que não acompanhe, espacial e temporalmente, os processos de formação advindos da era da informação”⁶³. A escola tem de visar novos contornos culturais e seus desafios temporais e, sobretudo, da presença das Tecnologias de Informação e Comunicação, dando-se o direito (incluindo seus agentes), do uso e exploração das tecnologias e da mídia para o seu robustecimento científico e atualidade tendo em conta a nova sociabilidade.

Os fluxos entre os mundos da comunicação, em seus aspectos múltiplos e diversificados, os ritmos da vida contemporânea, e os andamentos da educação, precisam ganhar movimento dialético, não por decorrência de modismos ou interesses de ordem mercantil e mesmo de publicidade governamental, mas porque novas configurações históricas estão a solicitar distintos mecanismos formativos cujos limites não cabem no enciclopedismo, no transmissivismo e no alheamento às reconfigurações sociotécnicas e

⁵⁹ WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural**: arte contemporânea e educação em museus. São Paulo, Ed. UNESP, 2009. (o itálico é nosso).

⁶⁰ CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação*: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016.

⁶¹ Cf. SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Op. cit.

⁶² Cf. SILVA, Ana Cristina Teodoro. Comunicação e Educação: convergência e imagens como meios de campo. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, v. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016.

⁶³ SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Op. cit.

tecnoculturais provocadas fortemente pelos sistemas e processos comunicativos.⁶⁴

Entretanto, comunicação implica a construção de vínculos comunicacionais, podendo ser feita por diferentes medias, em sala de aulas, em museus e em ciberespaço para um processo construtivo de aprendizagem e educação; satisfazendo, concomitantemente, nossas necessidades tecnológicas. “As máquinas que falam e transmitem falas e imagens expandem as fronteiras da percepção, gerando encantamento, *que pode despertar e ativar a mente para a aprendizagem e permitir maior captação do conhecimento*”⁶⁵

Conclusão

Ao longo deste texto procuramos explicar as dinâmicas que o processo educativo hodierno deverá ter na interação entre a escola e os museus (suas exposições artísticas) e a media. Segundo o retratado, a escola não deve estar alheia às transformações socioculturais e tecnológicas que se registam, mas sim, deve saber fazer o aproveitamento dessas para a melhoria do processo educativo. Em Moçambique verifica-se um fraco uso dos espaços museológicos e das TIC para a promoção da educação e intercâmbio cultural, o que impossibilita, de certo modo, a fluidez de/no compartilhamento dos saberes. Todavia, urge uma necessidade de olhar e compreender o museu como um campo de reflexão teórica e epistemológica cada vez mais democratizada e inevitável.

O chocalho- objeto escolhido por nós- como peça de arte que possibilita uma aprendizagem pluridimensional quando este for exposto em museus que exploram as novas tecnologias de comunicação museológica, onde o público visita as exposições e os respectivos textos, vídeos e imagens. O compartilhamento do conhecimento e das metodologias educativas se dão com as visitas aos museus, onde os alunos têm a oportunidade de ver, sentir e manejar objetos e, onde os professores e curadores e/ou técnicos dão explicações dos saberes contíguos no chocalho (objeto de arte), suas representações socioculturais, simbólicas,

⁶⁴ CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016.

⁶⁵ SILVA, Ana Cristina Teodoro. Op. cit. (o itálico é nosso).

fenomenológicas que contribuem para a compreensão das diferentes sociabilidades, usos e costumes e, sobretudo, a valoração cultural e a percepção da noção de empatia cultural. A media tem e joga um grande papel para a concretização desta desafiante tarefa educativa ao possibilitar e massificar a contemplação e percepção da funcionalidade do objeto artístico em voga e evidenciar as reais comunidades e modos de uso - utilidade funcional e cultural.

As sociedades sempre se moveram com os seus objetos e isso é um elemento representativo muito importante para a educação em um dado contexto nacional e não só, onde a escola e os museus serão por excelência os espaços onde possa ocorrer esta aprendizagem no âmbito do que chamamos educação compartilhada onde os alunos interagem com as fontes de conhecimento existentes. Como já se sublinhou, muitos devem ser os agentes e diversificadas as estratégias pedagógicas para se impulsionar convenientemente a educação e discutir a ideia da escola hoje, onde muita informação é partilhada e circula. Portanto, é relevante articulação entre as aprendizagens formais e não formais nos diferentes espaços educativos e, o desafio de usar objetos de arte em museus, literacia mediática e a cultura digital de modo a contribuir ativa e valorosamente no processo de educação.

Referências

ALBINO, Tomás. O museu como espaço de educação intercultural. In: **A Questão Social no Novo Milénio**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. CES, FEUC, Coimbra. - Universidade de Coimbra, 2004.

ALDE, Mussagi Ahamada. **O Papel dos museus na disseminação do património cultural: o caso do museu nacional da moeda, Maputo**. [Monografia científica em Arqueologia e Gestão do Património Cultural apresentado no Departamento de Arqueologia e Antropologia na Faculdade Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane]. Maputo, 2016. Disponível em <http://monografias.uem.mz/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BASÍLIO, Guilherme. **O estado e a escola na construção da identidade política moçambicana**. Maputo: Publifix edições, 2014.

CABRAL, Clara Bertrand. **Património cultural imaterial. Convenção da UNESCO e seus contextos**. Lisboa, Edições 70, 2014.

CASTIANO, José P. **Educar para quê? As transformações no sistema de educação em Moçambique**. Maputo: INDE, 2005.

CASTIANO, Jose P. e NGOENHA, Severino Elias. **A longa marcha duma "educação para todos"**. 3ª ed. Publifix, Maputo, 2013.

CHAGAS, Mário. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): setenta anos depois. In: CHAGAS, M; RODRIGUES, Marcus V. M. **A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019. p. 10-33. Disponível em: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf. Acesso em 17/03/2023.

Mário Chagas. Educação, museu e património: tensão, devoração e adjectivação. In: Átila Bezerra Tolentino. (Org.). **Educação patrimonial – educação, memórias e identidades**. Caderno Temático 3. 1ª ed., João Pessoa: Iphan, 2013, v. 3, p. 27-31.

CHAGAS, Mário de Souza. Preservação do Patrimônio Cultural: Educação e Museu. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-53, dez. 1989.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016, p. 11-24. Conselho Internacional de Museus (ICOM), 2022. Disponível em <https://www.icom.org.br/?p=2756>.

COSTA, Alda. **Preservar e valorizar o património cultural dos moçambicanos: Histórias e reflexões do passado e do presente**. Maputo, 2017. [Texto não publicado].

COSTA, Alda. **Arte em Moçambique: Entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras, 1932-2004**. Lisboa, Verbo, 2013.

COSTA, Alda. Museus de Moçambique: Na encruzilhada de tempos, tradições e práticas. In: ICOM/Comissão Nacional Portuguesa (Ed.), **IV Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa**, Lisboa, 2012. pp. 43-50.

COSTA, Alda; Gandolfo, G. Museus: **De colecionadores passivos a participantes activos – partilhando experiências dos Museus**. I Seminário Nacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus. Maputo, 2003. pp. 108-113.

CURY, Marília Xavier. **Museologia: marcos referenciais**. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, v. 18, n. 21, p. 45-73, 2005. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/r_cc/article/view/2271. Acesso em 17/03/2023.

DIAS, Margot. **Instrumentos Musicais de Moçambique**. Lisboa, IICT/CACS, 1986.

DOMINGUES, Susana Isabel Antunes. **Museus, Educação e Multiculturalismo: um estudo de caso**. [Dissertação de mestrado em Museologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE], 2009.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**, PPG-PMUS Unirio/MAST - vol. 6, n.º 1, 2013. disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143404132.pdf>. Acesso em 17/03/2023.

FANTIN, Monica e SANTOS, José Douglas Alves dos. Educação não formal e suas dimensões éticas e estéticas na formação midiática e cultural de estudantes

universitários. In: PEREIRA, S. (Ed.). **Literacia, Mídia e Cidadania** – Livro de Ata do 5.º Congresso. Braga, CECS – Universidade do Minho, 2019, p. 106-118.

FLECHA, Ramón e TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 21-36.

GOLIAS, Manuel. **Sistema de Ensino em Moçambique - passado e presente**. Editora Escolar, República de Moçambique, 1993.

HOOPER-GREENHILL, Ellene. **Museum and Gallery Education**. Leicester, London and New York, 1991.

IMBERNÓN, Francisco. Um livro para a reflexão e a busca de alternativas educativas para o futuro. In: _____. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, Pp. 17-20.

IMBERNÓN, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: _____. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 77-96.

JOPELA, Albino. (Coord.). **Manual de Conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique**. Maputo, Ministério da Cultura. 2014.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização/patrimonialização no espaço eletrônico museu virtual. **Memória e Informação**, n. 2, v. 3 n. 2, 2019, p. 86-105, Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127407>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/175890>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MARTINS, Moisés de Lemos, SARMENTO, João e COSTA, Alda. Museus, coleções e exposições, coloniais, anticoloniais e pós-coloniais: nota introdutória. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, 7(2), (2020). Pp. 7-12. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/rlec.3133>. Acesso em 19/03/2023

MARTINS, Luciana Conrado. (Org.). **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais**. 1ª Edição, São Paulo, 2013.

MATE, Rosendo J. A Questão da Educação Patrimonial: Entre Teoria e Prática. **Revista Científica Educação e Desenvolvimento**. ISET – One World. 1ª ed., 2020, p. 25-39.

MENDES, José Amado. **Estudos do Património. Museus e Educação**. 2ª Edição, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MINEDH. **Plano Estratégico da Educação 2020- 2029**. Maputo: MINEDH – Moçambique, 2020.

MOÇAMBIQUE. Boletim da República. **Lei nº4/83**. I Série, nº 12, de 23 de marco. Aprova a Lei do Sistema Nacional de Educação e define os princípios fundamentais na sua aplicação. Maputo: Imprensa Nacional, 1983

MOÇAMBIQUE. Boletim da República. **Lei nº6/92**. I Série, nº 19, de 6 de maio. Reajusta o quadro geral do sistema educativo e adequa as disposições contidas na Lei nº4/83. Maputo: Imprensa Nacional, 1992

MOÇAMBIQUE. Boletim da República. **Resolução nº 12/97**. I Série n.º 23, de 10 de Junho. Aprova a Política Cultural e Estratégia de sua Implementação. Maputo: Imprensa Nacional, 1997.

MOÇAMBIQUE. Boletim da República. **Resolução n.º 11/2010**. I Série, n.º 22, de 2 de junho. Política de Museus. Maputo, Imprensa Nacional, 2010.

MOÇAMBIQUE. Boletim da República. **Decreto nº. 44/2018**. I Série, n.º 147, de 27 de julho. Aprova o Regulamento para Visita a Museus, Centros de Interpretação e Locais Históricos Públicos. Maputo, Imprensa Nacional, 2018.

MUACHISSENE, Eduardo Simba Rashe Jeremias. **A Musealização como uma estratégia de salvaguarda do património industrial ferroviário em Moatize, Moçambique**. [Dissertação de Mestrado em Património Cultural e Museologia apresentado na Faculdade Letras da Universidade de Coimbra]. Coimbra, 2019.

NABAIS, António e CARVALHO, Cruz de. O Discurso Expositivo. **Iniciação à Museologia**. Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 135-146.

NABAIS, António. **O Conceito de Património e Arqueologia Industrial, seus limites, problemas de conservação e musealização**. Amada, 1999.

RAMOS, Paulo Oliveira. Breve história do museu em Portugal. **Iniciação à Museologia**. Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 19-62.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. 2. ed. ampl. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. 1ª. ed. Vol. 4. Coleção MUSEU – Memória e Cidadania. Ed. Ibram. Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. Comunicação e Educação: convergência e imagens como meios de campo. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016, p. 43-54.

SILVA, Bento. D. Cenários Educativos de Inovação na Sociedade Digital: com as tecnologias o que pode mudar na escola? **Nas pegadas das reformas educativas**. Braga, CEDU, 2013, p. 38-55.

SILVA, Bento. D. Desafios à docência online na cibercultura. In: LEITE, Carlinda et. all. (Org.). **Políticas, Fundamentos e práticas do Currículo**. Porto. Porto Editora, 2011, p. 208-220.

SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada. In: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Série Comunicação e Educação, Vol. 1. Ilhéus Bahia, Editus, 2016, p. 55-70.

SOUSA, Alberto B. **Educação pela Arte e Artes na Educação**. 1º. volume: Bases Psicopedagógicas. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SUBIRATS, Marina. A educação no século XXI: a urgência de uma educação moral. In: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 195-205.

TEIXEIRA, Sidélia S. Nova Museologia: aspectos históricos e características. **CADERNOS: Estudos sobre violência**, 2022, p. 87-97, ISSN 2175-0173, DO CEOM DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2022.56.07>. Acesso em 17/03/2023.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus**. São paulo, Ed. UNESP, 2009.

Recebido em: 25/11/2022

Aprovado em: 13/03/2023